

anos

ap

LOURES

A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre
A liberdade conquista-se sempre

PR
GR
MA



PROGRAMA

Concerto dia 27 de Abril de 1999 às 21.30h
Pavilhão Paz e Amizade - Loures

Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música

Três cantos da terra

1. Campo queimado
2. Canção da ceifa
3. Vilancico

F. LOPES-GRAÇA

Raúl de Carvalho
José Ferreira Monte
Arquimedes da Silva Santos

Isto vai, meus amigos, isto vai

F. LOPES-GRAÇA

J. Carlos Ary dos Santos

Vivam apenas

F. LOPES-GRAÇA

José Gomes Ferrelra

Acordai

F. LOPES-GRAÇA

José Gomes Ferrelra

Três canções do 25 de Abril

1. Soldado raso
2. Olha o cravo, olha a rosa
3. De tudo o que Abril abriu

F. LOPES-GRAÇA

Orlando da Costa
José Ferreira Monte
J. Carlos Ary dos Santos

Piano - Madalena Sá Pessoa
Canto - Celeste Amorim

Canções Heróicas

Canto do livre
Mãe pobre
As papoilas
Canção de Maio
Canção do camponês
Canção alegre
Ó pastor que choras
Romaria
Jornada
Canto de Paz

F. LOPES-GRAÇA

Soares de Passos
Carlos de Oliveira
José Gomes Ferrelra
Joaquim Namorado
Arquimedes S. Santos
Edmundo Bettencourt
José Gomes Ferrelra
João José Cochpfel
José Gomes Ferrelra
Carlos de Oliveira

Grândola Vila Morena

JOSÉ AFONSO

Versão Coral de F.LOPES-GRAÇA

Piano - Madalena Sá Pessoa
Direcção de José Robert



CORO " LOPES-GRACA"
DA
ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA

Fundado em 1946 por F. Lopes-Graca, o Coro esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática e só em 1950 foi oficialmente incorporado na A.A.M., tendo nessa altura adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Música. O Coro foi dirigido pelo seu fundador até 1986, tendo a partir desse ano passado a contar com a direcção de José Robert, maestro-adjunto de Lopes-Graca de 1974 a 1985.

No seu inicio, o repertório do Coro era constituído pelas "Canções heróicas" que Lopes-Graca havia começado a compor no Verão de 1944 em estreita colaboração com os autores dos poemas (Carlos de Oliveira, João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Armindo Rodrigues, Arquimedes da Silva Santos, Edmundo de Bettencourt, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, entre outros), e as apresentações publicas incluíam declamação de poesia por Manuela Porto, bem como sessões de teatro a cargo de um grupo de amadores por ela criado. A partir da década de 50 um cada vez maior numero de canções regionais portuguesas, em harmonização de F. Lopes-Graca, integrou o repertório do Coro e, devido aos condicionamentos politicos da época, as "Canções heróicas" deixaram de ser cantadas nos concertos publicos. O Coro passou então a apresentar-se exclusivamente como instrumento de divulgação da canção regional portuguesa e recolhe admiração e aplauso junto da critica musical da época, conseguindo ao mesmo tempo um grande impacto de comunicação junto das populações rurais e suburbanas.

O Coro actuou em todo o tipo de salas e lugares perante as mais variadas assistências, por todo o País tendo-se deslocado a Paris (Dezembro de 1974), Luanda (Abril de 1979) e Parlamento Europeu - Bruxelas (Abril de 1998).

Desde a sua fundação, o Coro da Academia de Amadores de Música cultiva a sua vida interna de forma a que permanentemente sejam enriquecidas as vivências culturais e humanas dos seus membros. Além disso, o Coro sempre aproveitou as deslocações pelo País para aprofundar de forma consciente o conhecimento do património artistico nacional e das paisagens naturais, e sempre deu importância aos momentos em que, antes ou depois dos concertos, a música cantada colectivamente aproxima de forma inigualável os que a cantam.

João de Freitas Branco (in Gazeta Musical, Lisboa 1959) escreveu: "Fundado e dirigido o Coro da Academia de Amadores de Música, Lopes-Graca criou o meio de dar realidade sonora às suas harmonizações. O mais notável não é, todavia, o ter fundado e assumido a direcção, mas sim o formar em Portugal uma unidade polifónica persistente em existir, progredir e servir compreendadamente uma causa de cultura".

Fernando Lopes-Graca faleceu em 27 de Novembro de 1994.

Por decisão unânime da Assembleia Geral de 15.12.94, passou a designar-se "Coro Lopes-Graca da Academia de Amadores de Música".

Lopes Graca, Fernando

(Tomar, 17-12-1906; Parade, 27-11-94)

Compositor, pianista, regente e musicólogo português. Fez os primeiros estudos de piano na sua terra natal onde aos 14 anos ingressa no quinteto que funcionava no cine-teatro local.

Em 1924 vai para Lisboa onde cursa o Conservatório, tendo como professores Adriano Moreira (curso superior de piano), Tomás Barbosa (Composição), Luis de Freitas Branco (ciências musicais) e Viana da Mota (curso de virtuosidade).

Em 1929 apresenta-se pela primeira vez como compositor tocando ele próprio as suas "Variações sobre um tema popular português", para piano e dirigindo um "poemeto" para orquestra de arco.

Em 1931, terminados os estudos, presta provas de concurso para as vagas de professor de piano e de solfège do Conservatório, em que obtém a primeira classificação, não chegando contudo a ser nomeado por motivos politicos, que lhe valeram ser preso e deterrado para a vila de Alparça, onde lhe é fixada residência durante alguns meses.

Em 1932 vai para Coimbra a fim de ali exercer o professorado, primeiro na Academia de Música e depois, extinta esta, no Instituto de Música, até 1936. Toma a matricular-se na Universidade, cujo curso não chegou a terminar, e em 1934 concorre a uma bolsa da junta de Educação Nacional, mas, apesar de aprovado não segue para Paris, novamente em virtude das suas ideias politicas, contrárias à situação vigente. Em 1936 é de novo detido, julgado e condenado em 1937.

Durante os anos de Coimbra colabora com o grupo literário da revista Presença, pondo em musica alguns dos seus poemas mais representativos, pela primeira vez no nosso país musica e poesia se davam as mãos na mesma senda da modernidade.

Em 1937 parte para Paris onde frequenta a cadeira de musicologia da Sorbonne. Escreve a musica da revista-balletto "La fièvre du temps", estréada no Theatre Pigalle em 1938, de que havia de extrair uma suite orquestral. Empreende, por sugestão da cantora Lucie Dewinsky, a harmonização das canções populares portuguesas. São estas harmonizações que marcam a viragem no estilo e nas preocupações do compositor, que passam a orientar-se no sentido de conferir à sua musica um carácter marcadamente português que ao mesmo tempo trouxesse à musica portuguesa características de autenticidade nacional.

Anunciada já em obras anteriores, como "Variações sobre um tema popular português" (1928), o "Preliúdio, canção e dança" (1929), para piano, as "Três canções ao gosto popular (1934), sobre versos de António Botto, as "Seis canções sobre quadras populares portuguesas" (1936), ou o "Cancioneiro do menino Jesus" (1936), sobre textos populares, esta orientação preceitase e ganha, por assim dizer foros de programa estético sistemático na 2ª Sonata para piano e no Quarteto para violino, violoncelo e piano, obras compostas ainda em Paris.

Em Outubro de 1939, depois da eclosão da segunda guerra mundial regressa a Lisboa onde passa a desenvolver uma grande actividade como compositor, crítico, pianista, publicista, conferencista, organizador e regente de coros amadores.

Do ponto de vista criador, este periodo é importante e particularmente fecundo. A primeira obra de vulto composta depois do regresso é o 1º Concerto para piano e Orquestra, com que, em 1940 obtém o prémio de composição do circulo de cultura musical, então instituído.

Por mais três vezes obtém o mesmo prémio: em 1942, com a "História Trágico-marítima", ciclo de melodias para voz e orquestra sobre poemas de Miguel Torga, em 1944, com a "Sinfonia per Orchestra" (editada em 1948 pela casa Suvinil Zerbom), de Milão, e em 1952 com a 3ª Sonata de piano.

Na produção pianística assinalam-se, além das 7 bagatelas (1939-1948), das 9 danças breves (1938-1948) e dos 24 prelúdios (1950-1955), as "Viagens na minha terra" (1953), os Nátals portugueses (1954) e as "Melodias Rústicas Portuguesas" (1956).

Sem falar nos numerosísimos trechos para vozes "a capella" a que acrescem os para outras formações com participações vocais. Recordam-se as "Duas canções de Fernando Pessoa" (1960) e os "Seis Cantos Sefarids" (1971), para canto e orquestra, os "Sete fragmentos de Velhos Romanços Portugueses" (1949-1956), as "Quatro Canções de F. Garcia Lorca" (1953-1954), as "Nove canções de umigo" (1964), e os "Contos de natal" (1958), para canto e conjunto instrumental de câmara.

Mas sobretudo e na sequência da "História Trágico-marítima", revista em 1959, destaca-se "D. Duarte e Flórida" (1964-1969), para recitantes, vozes solistas, coro misto e orquestra, este último até hoje sempre ouvido (e visto) como ópera, mas concebido mais como cantata.

É em 1979 que, a pedido da Secretaria de Estado da Cultura, termina o que é até agora, não só o culminar da sua obra, mas também o da música portuguesa actual: "Requiem pelas vítimas do fascismo em Portugal", para Orquestra Sinfónica, coro e cinco solistas.

Entre tanto em 1976 o Soviete Supremo da U.R.S.S. concede-lhe a Ordem da Amizade dos Povos. Em 1980, o Presidente da República, General Ramalho Eanes, atribui-lhe o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada. Em 1981, por ocasião do seu 75º aniversário, é-lhe atribuída a Medalha de Honra da Cidade de Lisboa. Em 1986 o Presidente da República Mário Soares outorgou-lhe a Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. No mesmo ano foi feito Dr. Honoris Causa pela Universidade de Aveiro. Em 1988 o Coro Misto da Universidade de Coimbra em colaboração com todas as forças vivas da cidade, promoveu-lhe uma homenagem com a participação de 6 coros nacionais e estrangeiros além do coro da Academia de Amadores de Música por ele fundado.

Faleceu em 27.11.94.

JOSÉ ROBERT

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da Música Coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifónica.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Víçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalatiano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelein, Heinz Henning, Arnaudaf, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de Directores Corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, diversos cursos de Direcção Coral em várias zonas do País.

Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa e, desde 1986, do Coro da ATLNEC. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa.



Concerto dia 27 de Abril de 1999 às 21.30h
Pavilhão Paz e Amizade - Loures

PROGRAMA

Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música

Três cantos da terra

1. Campo queimado
2. Cântico da ceifa
3. Vilancico

F. LOPES-GRAÇA

Raul de Carvalho
José Ferreira Monte
Arquimedes da Silva Santos

Isto vai, meus amigos, isto vai

F. LOPES-GRAÇA
J. Carlos Ary dos Santos

Vivam apenas

F. LOPES-GRAÇA
José Gomes Ferreira

Acordai

F. LOPES-GRAÇA
José Gomes Ferreira

Três canções do 25 de Abril

1. Soldado raso
2. Olha o cravo, olha a rosa
3. De tudo o que Abril abriu

F. LOPES-GRAÇA

Orlando da Costa
José Ferreira Monte
J. Carlos Ary dos Santos

Piano - Madalena Sá Pessoa
Canto - Celeste Amorim

Canções Heróicas

- Canto do Ilvire
Mãe pobre
As papoilas
Cântico de Maio
Cântico do camponês
Cântico alegre
O pastor que choras
Romaria
Jornada
Canto de Paz

F. LOPES-GRAÇA

Soares de Passos
Carlos de Oliveira
José Gomes Ferreira
Joaquim Namorado
Arquimedes S. Santos
Edmundo Bettencourt
José Gomes Ferreira
João José Cochófel
José Gomes Ferreira
Carlos de Oliveira

Grândola Vila Morena

JOSÉ AFONSO
Versão Coral de F. LOPES-GRAÇA

Piano - Madalena Sá Pessoa
Direcção de José Robert

